



# PERDAS E ENVELHECIMENTO: UM OLHAR SOBRE A VIVÊNCIA DE IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS

## PÉRDIDAS Y ENVEJECIMIENTO: UNA MIRADA A LA VIVENCIA DE MUJERES MAYORES INSTITUCIONALIZADAS

## LOSSES AND AGING: A LOOK AT THE EXPERIENCES OF INSTITUTIONALIZED ELDERLY WOMEN

Bárbara Caroline de Souza<sup>1</sup>

Cássia Gabriela Fagundes<sup>2</sup>

Maria Cecília Silva Versieux Magalhães<sup>3</sup>

Mariana de Melo Ferraz<sup>4</sup>

Bruno Vasconcelos de Almeida<sup>5</sup>

**RESUMO:** O presente estudo explora o envelhecimento feminino em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), destacando os impactos das perdas e dos atravessamentos de gênero nas vivências das idosas institucionalizadas. De abordagem qualitativa e delineamento de estudo de caso, por meio da técnica de análise de conteúdo, a pesquisa analisou relatos obtidos em acolhimentos psicológicos de cinco mulheres institucionalizadas em Minas Gerais, com idades entre 67 e 93 anos. Os resultados evidenciaram que o processo de envelhecimento feminino é permeado por perdas concretas e subjetivas, intensificadas por desigualdades de gênero e estereótipos culturais, sobretudo no que concerne à sexualidade, ao cuidado e à autonomia. Embora as ILPIs enfrentem desafios estruturais significativos, foram reconhecidas como espaços que, em alguns casos, favorecem a resiliência, o apoio mútuo e a convivência. Entretanto, persistem barreiras como a invisibilização das idosas e a manutenção de tabus que restringem a valorização da diversidade de suas experiências. O estudo ressalta que a velhice feminina não deve ser reduzida a uma etapa de declínio, mas compreendida como uma fase de múltiplas possibilidades e significados. A desconstrução de estereótipos e desigualdades de gênero emerge como uma necessidade premente, juntamente com o fortalecimento de políticas públicas inclusivas que promovam o protagonismo das mulheres idosas. Por fim, concluiu-se que o reconhecimento das especificidades e singularidades das trajetórias das idosas é essencial para fomentar um envelhecimento mais digno, que valorize não apenas as adversidades enfrentadas, mas também as potencialidades que caracterizam esta etapa da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento; Gênero; Mulheres; Instituição de Longa Permanência para Idosos; Perdas.

**RESUMEN:** El presente estudio explora el envejecimiento femenino en Instituciones de Larga Estadía para Personas Mayores (ILEPM), destacando los impactos de las pérdidas y cuestiones de género en las vivencias de las mujeres institucionalizadas. Con un enfoque cualitativo y un diseño de estudio de caso, a través de la técnica de análisis de contenido, la investigación analizó relatos obtenidos en acogimientos psicológicos de cinco mujeres institucionalizadas en Minas Gerais, con edades entre 67 y 93 años. Los resultados evidenciaron que el proceso de envejecimiento femenino se encuentra marcado por pérdidas concretas y subjetivas, intensificadas por desigualdades de género y estereotipos culturales, especialmente en lo que respecta a la sexualidad, el cuidado y la autonomía. Aunque las ILEPMs enfrentan desafíos estructurales significativos, fueron reconocidas como espacios que, en algunos casos, favorecen la resiliencia, el apoyo mutuo y la convivencia. Sin embargo, persisten

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). E-mail: bararacsouza9797@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada em Gestão Pública pela Faculdade Arnaldo Janssen (2021). Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). E-mail: cgfagundes1@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). E-mail: cissa.versieux@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: mari.melo.ferraz@gmail.com.

<sup>5</sup> Professor na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós Doutor em Filosofia (UFMG, 2016; UFMG, 2014). Doutor e Mestre em Psicologia Clínica (PUC São Paulo, 2010; PUC São Paulo, 2005). Psicólogo e Acompanhante Terapêutico. E-mail: brunovasconcelos@pucminas.br.

barreras como la invisibilización de las mujeres mayores y la perpetuación de tabúes que limitan la valoración de la diversidad de sus experiencias. El estudio subraya que la vejez femenina no debe reducirse a una etapa de decadencia, sino comprenderse como una fase de múltiples posibilidades y significados. La deconstrucción de estereotipos y desigualdades de género emerge como una necesidad urgente, junto con el fortalecimiento de políticas públicas inclusivas que promuevan el protagonismo de las mujeres mayores. Finalmente, se concluyó que el reconocimiento de las especificidades y singularidades de las trayectorias de las mujeres mayores es esencial para fomentar un envejecimiento más digno, que valore no solo las adversidades enfrentadas, sino también las potencialidades que caracterizan esta etapa de la vida.

**PALABRAS CLAVE:** Envejecimiento; Género; Mujeres; Instituciones de Larga Estadía para Personas Mayores; Pérdidas.

**ABSTRACT:** This study explores female aging in Long-Term Care Institutions for the Elderly (LCIEs), highlighting the impacts of losses and gender intersections on the experiences of institutionalized elderly women. Using a qualitative approach and case study design, using the content analysis technique, the research analyzed reports obtained during psychological support sessions with five institutionalized women in Minas Gerais, aged between 67 and 93 years. The results revealed that the process of female aging is marked by both concrete and subjective losses, intensified by gender inequalities and cultural stereotypes, particularly concerning sexuality, care and autonomy. Although LCIEs face significant structural challenges, they have been recognized as spaces that, in some cases, foster resilience, mutual support, and coexistence. However, barriers persist, such as the invisibility of elderly women and the persistence of taboos that hinder the appreciation of the diversity of their experiences. The study emphasizes that female old age should not be reduced to a stage of decline, but rather understood as a phase of multiple possibilities and meanings. The deconstruction of gender stereotypes and inequalities emerges as a pressing need, along with the strengthening of inclusive public policies that promote the protagonism of elderly women. Finally, it was concluded that recognizing the specificities and singularities of the trajectories of elderly women is essential to foster a more dignified aging process, one that values not only the adversities faced but also the potential that characterizes this stage of life.

**KEYWORDS:** Aging; Genre; Women; Long Term Care Institutions for the Elderly; Losses.

## 1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma tendência mundial que, nos últimos anos, tem sido alvo frequente de debates e iniciativas governamentais, considerando a necessidade de adaptar políticas públicas, sistemas de saúde e previdência social para buscar atender às demandas de uma população cada vez mais idosa (Elias; Oliveira, 2023; Abranches; Faria, 2023). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida dos brasileiros apresentou um crescimento substancial no período compreendido entre 1940 e 2019, passando de 45,5 para 76,6 anos. Em 2020, as pessoas acima de 60 anos representavam aproximadamente 14,26% da população. Estabelecendo uma projeção, estima-se que em 2060, em torno de um terço dos brasileiros (32,2%) será idoso (Brasil, 2021).

Nessa conjuntura ambivalente, de conquistas – quanto à longevidade – e desafios – para garantir a qualidade de vida dessa população –, faz-se relevante pesquisar e refletir sobre essa fase do desenvolvimento humano (Abranches; Faria, 2023). O envelhecimento é um processo natural da vida, atravessado por variados aspectos: biológicos, psicológicos, sociais, culturais, históricos e econômicos. Apesar do aumento da expectativa de vida, em especial nos contextos de países emergentes como o Brasil, a crescente necessidade de cuidados espe-

cíficos e o aumento dos custos com saúde na velhice tornam a pobreza nessa faixa etária um problema ainda mais grave (Brasil, 2021).

Além das limitações físicas e da vulnerabilidade socioeconômica, o “culto à juventude”, presente em muitas sociedades, contribui para a manutenção da ideia de que envelhecer representa o fim de uma boa vida. Nesse sentido, apesar da aprovação do Estatuto do Idoso em 2003, a sociedade ainda é repleta de preconceitos contra os idosos, como percebido nos estigmas em relação à aparência e os estereótipos de que o envelhecer está diretamente ligado à doença, decrepitude e morte – gerando assim mais discriminações e exclusão social (Correa; Barbosa; Silva, 2021).

Uma pesquisa de Freitas et al. (2022), com cem idosos atendidos em um ambulatório de geriatria no Pará, destacou algumas percepções desse público sobre o envelhecimento. Os participantes mencionaram ganhos, como sabedoria e maior apreciação pela vida, mas também desafios, como limitações físicas, doenças cardiovasculares e preocupações com suas capacidades. Embora a maioria tenha uma visão equilibrada, persistem dificuldades na aceitação das limitações funcionais e no enfrentamento do estigma social. Diferente da visão estereotipada frequentemente imposta, o estudo reforça a importância de considerar as percepções e emoções dos próprios idosos sobre o envelhecer.

É nesta lógica que reside a relevância desta pesquisa, já que coleta e apresenta um pouco das histórias de vida e narrativas de idosas, incluindo as especificidades da institucionalização. Assim, a partir de um enfoque qualitativo, este estudo refletiu sobre os relatos dos atendimentos com cinco idosas institucionalizadas, realizados no âmbito do projeto de extensão “Arte de Cuidar: apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPIs mineiras” – que propõe o acolhimento psicológico a funcionários e idosos de ILPIs (Instituições de Longa Permanência para Idosos) mineiras. Isto pois, este estudo tem como objetivo analisar como as perdas e os atravessamentos de gênero impactam no envelhecimento de mulheres institucionalizadas.

O foco no público feminino se deve pela prática extensionista das autoras, mediada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que contempla mais mulheres idosas do que homens; por termos a hipótese de diferenças significativas entre o processo de envelhecer de cada gênero/sexo, onde as mulheres possuem especificidades e desafios; pela maior representatividade quantitativa das mulheres idosas, não apenas no Brasil; e por também sermos mulheres, o que nos aproximou da motivação de compreender o envelhecimento feminino. As contribuições desta pesquisa residem, especialmente, nos elementos trazidos para pensar so-

bre o envelhecimento feminino no Brasil, valorizando as particularidades dessas vivências e analisando os impactos das perdas e dos estereótipos sociais em suas trajetórias.

Portanto, o presente trabalho, mediante os relatos das idosas atendidas, retratou alguns impactos das questões de gênero no envelhecimento, como a predominância de ocupações na esfera do cuidado e do trabalho doméstico; as limitações enfrentadas no acesso a direitos sociais como aposentadoria e lazer, e as dificuldades de ressignificar suas identidades e ocupações diante das variadas perdas vivenciadas, dentro das ILPIs mineiras.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Atravessamentos e desafios do envelhecimento feminino

Na sociedade ocidental contemporânea, com o avanço do movimento feminista e o crescimento da presença feminina em espaços acadêmicos e profissionais, as desigualdades existentes entre os gêneros masculino e feminino tornaram-se assuntos mais debatidos. O que se observa é que o chamado “Patriarcado” ou “Sistema Patriarcal” oprime as mulheres em diversos aspectos e afeta seu bem-estar (Molina, 2021). Nesse contexto, Sousa *et al.* (2018 apud Mallmann *et al.*, 2024) elucidam que embora as mulheres tenham uma expectativa de vida maior do que a dos homens, elas tendem a apresentar uma pior qualidade de vida devido à influência das relações de gênero, que impactam o acesso a recursos e oportunidades. Esses e outros pormenores das questões sociais – que não serão aprofundados neste trabalho, por não corresponderem ao foco da pesquisa – revelam que o gênero é um fator que pode facilitar ou dificultar a vida em sociedade (Molina, 2021).

Assim, posto que os fenômenos históricos, culturais, econômicos e sociais apontam para essas desigualdades, parece possível pensar que o envelhecer – que já carrega as suas próprias dificuldades e especificidades – no gênero feminino se apresenta de forma diferente, com diversas decorrências na subjetividade e saúde da mulher. Tal percepção é confirmada por Souza, Reis e Resende (2024), que demarcam essa diferença e afirmam que a velhice feminina no Ocidente é vista como perda, em decorrência de muitos fatores como marcas de expressão, surgimento de rugas, flacidez na pele e cabelos brancos. Já para os homens, ainda segundo essas autoras, o envelhecer promove um ganho de prestígio e as características físicas frequentemente são vistas como atraentes e charmosas.

Além disso, outro aspecto que atravessa o envelhecimento feminino e gera grandes desafios para muitas mulheres é a menopausa. Consoante Sampaio, Medrado e Menegon

(2021), a partir de uma definição mais biológica e sucinta, a menopausa corresponde à última menstruação ou ao fim da ovulação. Embora não seja considerada uma disfunção ou doença, seus impactos variam conforme fatores biológicos e subjetivos, podendo causar sintomas intensos que exigem intervenções médicas, psicológicas ou outras, para aliviar o sofrimento dessas mulheres (Souza; Reis; Resende, 2024; Sampaio; Medrado; Menegon, 2021).

Na pesquisa realizada por Souza *et al.* (2022), os relatos das dez mulheres entrevistadas revelam que, para a maioria delas, essa fase da vida não é vivida como algo agradável ou tranquilo. Ao contrário, trata-se de um período desafiador, marcado por adaptações e sentimentos de insatisfação em relação a essa etapa. A perda da menstruação e da capacidade reprodutiva pode representar para muitas a perda da feminilidade, produtividade e juventude. Ainda, aspectos como a beleza física e a maternidade, tradicionalmente associados ao valor social da mulher, ao serem perdidos podem gerar sentimentos de desvalorização, tristeza e até mesmo levar à depressão (Souza *et al.*, 2022).

Em uma sociedade capitalista, além da pressão estética, as idosas podem ser vistas como inúteis e descartáveis (Molina, 2021). Nesse sentido, segundo Monteiro (2020), mulheres com 60 anos ou mais enfrentam múltiplas discriminações – sexistas e gerofóbicas –, sofrendo as consequências de serem mulheres e, agora, de serem consideradas “velhas”. Isso reflete os padrões de uma sociedade sexista, que estabelece as relações de gênero com base na separação entre o espaço público (lugar do masculino) e o privado/ambiente doméstico (destinado ao feminino).

Dentre essas questões explicitadas, salientamos que as condições de vida e trabalho das mulheres, progressos à velhice, interferem significativamente na etapa atual. O trabalho doméstico – seja o remunerado ou em seu próprio lar – e as tarefas relacionadas ao cuidado, foram, e ainda são, o centro da vida de muitas mulheres. Observa-se que esse modo de vida atravessa a subjetividade da mulher e passa a se constituir como parte essencial de sua identidade, lazer e sentido da vida. No âmbito do trabalho doméstico não remunerado, o fato de essas mulheres terem se ocupado, durante toda a vida, com um trabalho não efetivo e sem a contribuição do INSS, faz com que a aposentadoria e outros direitos, que representam uma certa independência financeira da pessoa idosa, lhes sejam negados ou dificultados.

Nesse contexto, Carneiro *et al.* (2023) contribuem para a reflexão de que essa ocupação, historicamente associada às mulheres, reflete a persistência da divisão sexual do trabalho e é frequentemente desconsiderada como uma atividade digna de reconhecimento formal, aposentadoria ou remuneração. Atividades como o cuidado com a casa e familiares, embora essenciais, são invisibilizadas e não reconhecidas como determinantes sociais de saúde, ge-

rando o que as autoras chamam de desequilíbrio esforço-recompensa. Essa desvalorização, fruto de uma construção social que naturaliza práticas atribuídas ao papel feminino, não apenas reforça desigualdades de gênero, mas também contribui para impactos na saúde física e mental das mulheres que a desempenham, perpetuando assim uma precariedade das condições de vida na velhice.

Outro aspecto importante a ser considerado é a sexualidade. Segundo Monteiro (2020), esta é frequentemente marcada por construções sociais e culturais, que desafiam sua expressão e relegam a mulher idosa a uma posição de invisibilidade e assexualidade. Essas barreiras são ampliadas por questões como a falta de comunicação aberta sobre sexualidade, o histórico de repressão feminina e as mudanças hormonais que podem afetar o desejo sexual. Ao abordar o sofrimento psíquico das mulheres que estão envelhecendo, Cunha, Veras e Amorim (2025) tratam da diminuição na autoconfiança desse público, que segundo eles se relaciona com as inseguranças vivenciadas pelas idosas. Visando apontar as causas, os autores apresentam um panorama sobre importantes questões que atravessam o envelhecimento feminino, sendo estas: as alterações hormonais, violência de gênero, discriminação, dificuldades socioeconômicas, redução do autocuidado, isolamento social e solidão.

Mediante as variáveis que se fazem presentes no envelhecimento feminino, Mori e Coelho (2004 apud Lima e Bueno, 2009, p. 278) chegam a uma compreensão alarmante de que “a fase da vida que as mulheres têm para descansar, viver intensamente e com qualidade é transformada em medo, angústia, isolamento social e sofrimento – não para todas as idosas, mas para uma boa parcela”. Por fim, vale salientar que os apontamentos feitos não objetivam afirmar que a velhice, na vida das mulheres, seja constituída apenas de elementos negativos ou desconsiderar os percalços presentes no envelhecimento masculino. A pretensão das autoras consiste em expor condições da realidade a fim de que se fomente iniciativas para promover melhor qualidade de vida às idosas, em especial às que estão institucionalizadas – cujas especificidades das vivências ainda serão abordadas.

## **2.2 Desafios e Relevância das ILPIs no Cenário do Envelhecimento Populacional**

Com o aumento da expectativa de vida e as mudanças nas dinâmicas familiares, as ILPIs têm assumido um papel cada vez mais relevante no cuidado à população idosa. Segundo Costa e Mercadante (2013), a ideia de abandono frequentemente associada às ILPIs leva a população, de maneira geral, a enxergá-las como uma realidade distante de suas próprias vi-

vências. Contudo, essa percepção contrasta com o fato de que, a cada ano, essas instituições ganham maior visibilidade, indicando que, no futuro, um número ainda maior de idosos poderá residir nesses espaços coletivos.

As ILPIs são reconhecidas formalmente como locais destinados a acolher pessoas idosas que enfrentam vulnerabilidade social, independentemente de contarem ou não com suporte familiar. Esses espaços têm como objetivo oferecer cuidados integrais, acompanhamento médico, atividades culturais e recreativas, além de assegurar a segurança e o bem-estar dos residentes. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), em sua Resolução de Diretoria Colegiada (RDC), nº 283, de 26 de setembro de 2005, as ILPIs são instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, designadas a acolher pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania. Mais recentemente, a RDC, nº 502, de 27 de maio de 2021, atualizou as normativas sobre o funcionamento dessas instituições trazendo diretrizes mais abrangentes e específicas sobre os padrões de qualidade, infraestrutura, cuidados de saúde e promoção do bem-estar dos residentes (ANVISA, 2021).

Outro marco legal de relevância nesse contexto é o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), que aborda de forma específica as Instituições de Longa Permanência para Idosos. No título IV, que trata da Política de Atendimento ao Idoso, especialmente nos capítulos II a VI, o Estatuto estabelece os requisitos essenciais, os princípios orientadores, as normas de fiscalização e as obrigações aplicáveis, garantindo a proteção e os direitos dessa população (Brasil, 2003).

Nesse sentido, consoante D'Ávila (2016), esses locais têm sido cada vez mais procurados por idosos e seus familiares, devido a diferentes razões. Entre elas, destaca-se o alto nível de estresse enfrentado pelos cuidadores, que muitas vezes não sabem como lidar com as demandas do cuidado. Além disso, sentimentos de "fardo" percebidos pela pessoa idosa em relação à família, o desejo de envelhecer em um ambiente tranquilo e as dificuldades financeiras – especialmente considerando os custos elevados de cuidar de idosos com algum grau de dependência no contexto familiar – são fatores importantes para essa busca. Em ambos os casos, segundo Peralta *et al.* (2021), os idosos apresentam um comportamento de resignação, por acreditarem que a institucionalização é a única possibilidade que restou para eles. Por isso, é inegável a importância da existência das Instituições de Longa Permanência para Idosos, visto que essas surgem como uma possibilidade de moradia e cuidado à população idosa, que, por algum motivo, não possui o devido apoio das famílias.



Nesse ínterim, as ILPIs enfrentam desafios significativos decorrentes de limitações econômicas, que afetam diretamente a qualidade dos cuidados prestados aos residentes. Como apontado por Clos e Grossi (2016), a insuficiência de recursos financeiros e a mercantilização dos serviços dificultam o desenvolvimento de estratégias que assegurem conforto e dignidade aos idosos. Além disso, muitas dessas instituições ainda carregam resquícios da cultura dos antigos asilos, agravados pela escassez de recursos para melhorar a infraestrutura e aumentar o quadro de funcionários.

### 2.3 Reflexões sobre as perdas, o luto e o envelhecimento

O luto ainda é visto, em geral, como um sentimento de tristeza proveniente da perda de um ente querido, mas, sob uma perspectiva psicológica, representa mais do que isso: trata-se de um processo que permeia toda a existência humana, desde o nascimento até a morte. Segundo os estudos de Sabbadini *et al.* (2021), o luto pode ser conceituado como um processo de reação a uma situação de perda, que será vivenciada de forma singular e individual por cada sujeito.

De modo complementar, Correa, Barbosa e Silva (2021) destacam que, segundo Freud, o luto é uma reação natural à perda de um objeto amado, podendo ser perdas reais e/ou simbólicas, que demanda tempo para ser superado, permitindo que a libido seja direcionada a outros objetos. Esse processo requer uma readaptação da realidade e uma reorganização psíquica pela pessoa enlutada. Sabbadini *et al.* (2021) reforçam essa ideia ao exemplificar que, ao longo da vida, as pessoas abdicam de aspectos pessoais e profissionais, ao passo que também abandonam os papéis sociais da infância, adolescência, vida adulta e velhice.

O processo de envelhecimento, em específico, envolve tanto as perdas reais quanto as simbólicas, sendo um processo plural que inclui mudanças biopsicossociais. A perda dos papéis sociais, como o status alcançado por meio da atividade profissional, o convívio com os amigos e a renda; perdas orgânicas, como as na visão e/ou audição; o falecimento de amigos, filhos e cônjuges; as mudanças na aparência; a perda da saúde; a incapacidade; a diminuição do vigor físico e da potência sexual são exemplos de perdas simbólicas que são vivenciadas pelos idosos como “pequenas mortes subjetivas” (Correa; Barbosa; Silva, 2021, p. 237). No caso das mulheres, essas mortes subjetivas são ampliadas por aspectos culturais e sociais, conforme abordado anteriormente, que enxergam a beleza e a produtividade feminina apenas em sua juventude. Segundo a visão de Sabbadini *et al.* (2021), as mulheres enfrentam um grande custo social ao lidarem com a pressão para combater os sinais da idade desde a infân-



cia. Ainda, a velhice feminina é associada à maldade nas histórias infantis e as mulheres mais velhas sofrem com a invisibilidade social, sendo muitas vezes dependentes de outros e forçadas a cumprir papéis tradicionais, como cuidadoras ou mantenedoras do lar.

A perda de entes queridos, como um cônjuge ou filho, também é um tema importante, pois o grau de investimento afetivo influencia a intensidade do sofrimento no processo de desligamento emocional. Os enlutados experienciam grande saudade, dor e sofrimento psíquico, podendo desenvolver quadros depressivos, especialmente os idosos, que frequentemente se sentem culpados por sobreviver aos entes falecidos. Além disso, há a chamada “reação de aniversário”, que se refere ao sofrimento maior em datas significativas, como aniversários ou o dia da morte da pessoa amada (Correa; Barbosa; Silva, 2021).

O presente estudo tem como foco os aspectos do envelhecimento de idosos institucionalizados e, por isso, se faz necessário aprofundar nas características do processo de institucionalização e sua relação com o luto. Retomando Peralta *et al.* (2021), um dos sentimentos mais presentes após a institucionalização é o de desamparo, já que todo o contexto social do sujeito muda, acarretando a perda do convívio com pessoas próximas. Além disso, foi mostrado pelos autores que existe uma tendência de se desligar da própria autonomia e do convívio com o mundo externo, bem como do autocuidado, das relações íntimas e um despreendimento do Eu e do Outro. Essas tendências se tornam mais perdas para a pessoa institucionalizada, já que, segundo Correia, Barbosa e Silva (2021), o processo de institucionalização é considerado um estressor na vida dos idosos que não passam por algum tipo de preparo. Isso acontece, pois, a mudança para uma ILPI envolve o afastamento do lar e sensação de isolamento, além de alterações na rotina.

É importante considerar, então, que os idosos institucionalizados enfrentam não apenas os lutos decorrentes do processo de envelhecimento, mas também outras perdas relacionadas à institucionalização. Além disso, as mulheres institucionalizadas tendem a sofrer ainda mais com esses desafios. É preciso, então, oferecer nas ILPIs uma escuta qualificada, profissional e acolhedora, que permita que os idosos tenham um espaço para falar abertamente sobre suas aflições, sentimentos e a elaboração das perdas que vivenciam diariamente.

Por fim, Correia, Barbosa e Silva (2021) mostram que o processo de envelhecer não acarreta somente perdas, mas também ganhos, realizações e conquistas. Até mesmo os lutos, quando são elaborados, podem gerar ganhos psíquicos para o idoso.

### 3 METODOLOGIA

O presente estudo, sendo uma pesquisa de ordem qualitativa, decorre da prática extensionista de acolhimento psicológico em Instituições de Longa Permanência para Idosos (IL-PIs) mineiras. Foram realizados atendimentos de acolhimento psicológico na modalidade virtual, durante o período de setembro a novembro de 2022, por meio do Projeto Arte de Cuidar – financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da PUC-Minas. O artigo tem por objetivo analisar como as perdas e os atravessamentos de gênero impactam no envelhecimento de mulheres institucionalizadas, sendo estes temas que emergiram durante a prática. Este trabalho utilizou fontes primárias, por meio da coleta e análise dos relatos das residentes, e fontes secundárias, consistindo em bibliografias relacionadas ao envelhecimento, luto e às questões que atravessam o gênero feminino.

A escolha pela abordagem qualitativa se justifica por permitir ao pesquisador uma imersão no campo de estudo, alinhada aos relatos coletados pelas pesquisadoras durante os acolhimentos. Essa abordagem é particularmente adequada devido à sua capacidade de possibilitar a elaboração de estudos precisos sobre os fenômenos humanos e suas relações sociais. Nesses casos, há adoção do enfoque interpretativista onde a compreensão do mundo e da sociedade deve ser feita com base na perspectiva de quem os vive onde os fenômenos são construções sociais (Gil, 2017).

Em termos de classificação quanto aos seus objetivos mais gerais, este estudo se constitui, majoritariamente, enquanto uma pesquisa descritiva – embora apresente aspectos exploratórios. Isso porque, além de caracterizar as vivências das idosas institucionalizadas, também busca identificar possíveis relações entre variáveis, como o impacto das perdas e dos atravessamentos de gênero no processo de envelhecimento. Ademais, pesquisas descritivas, apesar de seu foco em detalhar fenômenos, podem proporcionar uma nova visão sobre o problema, aproximando-se das pesquisas exploratórias, como ocorre neste caso (Gil, 2017).

Outrossim, para esta pesquisa utilizou-se o método do estudo de caso para enfatizar a visão biopsicossocial, o detalhamento dos dados (Melo Júnior; Moraes, 2018) e a importância do contexto – neste caso, das ILPIs – de pessoas ou grupos determinados (Gil, 2017). Os dados de estudos de caso, geralmente, são obtidos através de entrevistas, observações e exames de documentos. Já a análise, por sua vez, envolve codificar os dados, criar categorias e padrões a fim de interpretar estes dados (Gil, 2017). Este processo foi conduzido utilizando a técnica de análise de conteúdo, consoante a definição de Bardin (2016). De acordo com a autora, esta técnica consiste em um conjunto de ferramentas metodológicas destinadas à descri-

ção das informações, permitindo a inferência de conhecimentos tanto sobre o conteúdo explícito quanto sobre o latente, ou seja, os significados implícitos nas mensagens. Neste estudo, adotamos a análise categorial, que consiste na criação de categorias temáticas com base no conteúdo do material analisado.

Foram realizadas análises dos relatos de 5 residentes, mulheres, entre 67 e 93 anos, sendo que todas se encontram, por motivos diversos, atualmente institucionalizadas em alguma das ILPIs mineiras abarcadas pelo Projeto. Para tais análises, prezando pelo anonimato e privacidade, tanto dos sujeitos analisados quanto das instituições alcançadas pela prática de extensão, utilizamos nomes fictícios e suprimimos a identificação das ILPIs. Por fim, é válido ressaltar que todas as idosas acolhidas pelas autoras apresentam questões relacionadas ao foco de estudo desta pesquisa.

### 3.1 Caracterização das Residentes

| Nome fictício | Idade   | Tempo de<br>residência na ILPI | Ocupação/profissão     |
|---------------|---------|--------------------------------|------------------------|
| Amanda        | 87 anos | 15 anos                        | Monitora de orfanato   |
| Flor          | 79 anos | 9 meses                        | Faxineira              |
| Maria         | 73 anos | 5 meses                        | Dona de casa           |
| Lorena        | 93 anos | 10 anos                        | Auxiliar de lavanderia |
| Raquel        | 67 anos | 9 meses                        | Dona de Casa           |

Fonte: elaboração própria.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Narrativas sobre dor, perdas e saudade

A partir da análise dos dados coletados, por meio de relatos dos atendimentos de apoio psicológico realizados pelas extensionistas no Projeto Arte de Cuidar, foi possível a acepção do surgimento da necessidade de falar sobre o luto, diante das perdas sofridas pelas idosas.

Retomando os estudos mencionados durante o artigo, o luto é o processo que vai desde o momento em que perdemos alguém até o momento em que conseguimos nos ajustar e, nesse sentido, foi observado que nem todas as idosas conseguiram elaborá-lo.

O caso de Lorena ilustra essa ideia, visto que, após perder os pais, o marido e os irmãos – mais recentemente uma irmã, a qual não foi informada a tempo de ir no velório e no enterro para se despedir – relatou sentir muita angústia por essas perdas e estar sempre buscando algo para fazer, a fim de não pensar no assunto: “Fico me movimentando, andando para lá e para cá, vou ao guarda-roupa, fico me distraindo para não me deprimir muito” (*Lorena, 93 anos, institucionalizada há 10 anos*). Lorena não ter tido a oportunidade de ir ao velório demonstra a falta do caráter simbólico de um ritual fúnebre e da “despedida” da irmã como uma perda concreta para facilitar a elaboração do luto (Souza; Souza, 2019).

O luto também permite curar a dor da perda, pois, embora seja uma realidade dolorosa e até traumática, somente mediante um caminho paciente e constante, não só de avanços como também recuos, é possível encontrar neste o conforto depois de uma perda expressiva. Pode-se observar essa postura no caso de Maria, que mesmo enlutada pela morte do marido, conseguiu se recordar dos momentos que viveu com ele demonstrando felicidade ao longo de sua fala: “Sinto muita falta do meu falecido, ele era um ótimo marido e pai para meus filhos, tive muita sorte em conhecê-lo” (*Maria, 73 anos, institucionalizada há 5 meses*).

Para Silva (2011), a memória se refere ao domínio dos afetos onde há um limiar entre lembrar e esquecer para não intensificar a dor. É comum que a data de aniversário, de alguém próximo, quando estava em vida ou de dia da morte, seja constantemente lembrado pelos amigos e familiares, deixando-os mais sensíveis. Essa “reação de aniversário”, nomeada por Correa, Barbosa e Silva, (2021), também apareceu em meio aos relatos de Maria: “O mês de novembro é extremamente difícil para mim, porque foi quando tanto o meu filho quanto a minha mãe faleceram. Foram em anos diferentes, mas a dor permanece a mesma” (*Maria, 73 anos, institucionalizada há 5 meses*). A mesma é muito saudosa com as palavras ao falar dos pais, principalmente ao lembrar dos cuidados que tinham com os onze filhos:

Meus pais conseguiram manter e cuidar de todos nós, eu e meus dez irmãos, com muita eficiência e dedicação. Sofri muito quando se foram, principalmente na morte da minha mãe. Eu sei que é a vontade de Deus, mas eu sempre fui muito ligada a ela, então foi mais difícil de aceitar. Fiquei desolada. (*Maria, 73 anos, institucionalizada há 5 meses*).

Quando o sujeito perde muitas pessoas ao longo da vida, como ocorreu com Maria, que perdeu seus pais, seu marido, dois filhos e alguns irmãos, sua rede de apoio tende a se

tornar cada vez menor, restando as ILPIs como uma das poucas opções de suporte e cuidado. O estudo de Camargo *et al.* (2023), também a partir de uma pesquisa qualitativa com idosos institucionalizados, ressalta a ideia da institucionalização como consequência das perdas. Assim, a sensação de não pertencer a outros lugares, juntamente com o sentimento de que está sendo um incômodo para a família, podem ser observadas na fala de Maria: “Sempre tive uma família muito unida, mas também sofri muitas perdas. Por causa da minha diabetes e suas demandas, eu sentia que estava incomodando eles, e por isso resolvemos que seria melhor eu me mudar para cá.” (*Maria, 73 anos, institucionalizada há 5 meses*). Esse também é o caso de Amanda, que perdeu os pais, a madrasta e, como não se casou e nem teve filhos, se viu sem outra saída. Seu histórico de perdas e relatos levam ao entendimento de que ela acredita que já deveria ter morrido, e assim, vive à espera de que isso aconteça: “Voltei para a cidade em que meus pais foram enterrados para ser enterrada no mesmo lugar, junto com eles, e desde então, estou esperando a minha hora” (*Amanda, 87 anos, institucionalizada há 15 anos*).

Nesse sentido, pode-se entender que o processo do luto nem sempre é linear e, por isso, é perpassado por momentos de tristeza e felicidade. O caminho para resolução de uma perda não é um caminho fácil, nem rápido, mas também não pode ser caracterizado como um percurso impossível. Este é feito de recursos. O luto requer um grande trabalho psíquico, além de um acompanhamento profissional, mas é possível se encontrar num mundo que ainda “tem graça”, coisas boas e que queremos estar, mesmo sem a pessoa que perdemos. No caso de pessoas idosas, o enlutamento se torna ainda mais complicado, já que existem outras perdas que afetam a sua saúde física e mental.

#### **4.2 Entre o passado e o presente: ocupação, gênero e hobbies na velhice**

As idosas residentes enriqueceram este estudo com relatos que mostram o trabalho doméstico como parte importante das suas ocupações durante toda a vida. É interessante ressaltar, então, os entrelaçamentos sobre o gênero feminino, cuidados domésticos e o processo de envelhecimento, percebendo-se que as vontades das idosas no momento da pesquisa se mostraram decorrentes dos seus históricos de vida e ocupações do passado.

A vivência feminina, ao longo da história, foi marcada por papéis como o cuidado e as tarefas domésticas, transmitidos culturalmente. A naturalização dessas tarefas reflete o contexto histórico das mulheres negras escravizadas e a desvalorização social das atividades de cuidado, associada à desigualdade racial (Araújo; Monticelli; Acciari, 2021). Este pode ser definido como um trabalho realizado para pessoas, sendo remunerado ou não. Sendo assim, a

atividade do cuidado pode ser definida como o “cuidado físico (dar banho, alimentar), cuidado emocional (ouvir, aconselhar) e serviços diretos (acompanhamento em consultas médicas, executar tarefas para a pessoa)” (Glenn, 2020 *apud* Araújo; Monticelli; Acciari, 2021, p. 148).

Apesar das mulheres terem aumentado o seu espaço no mercado de trabalho perante as demandas capitalistas, ainda é possível notar que muitas, se não são definidas pelo cuidado doméstico, mantêm o cuidado e o trabalho concomitantemente (Ferreira; Isaac; Ximenes, 2018). Essa realidade se faz presente na vida das idosas residentes das ILPIs contempladas pelo projeto de extensão Arte de Cuidar. As suas narrativas se entrelaçam ao mostrar que, mesmo com vidas e contextos completamente diferentes, todas compartilham de profissões/ocupações que visam o cuidado e/ou tarefas domésticas, e muitas afirmam não ter *hobbies* ou outras atividades que gostam de realizar para si mesmas.

Segundo Silva, Gerolamo e Correa (2021), em um relato profissional sobre a mediação de um grupo terapêutico de idosas, foi percebido que muitas delas se viam sujeitas a um estereótipo de ‘mulher’, imposto por uma sociedade patriarcal. Esse estereótipo estava atrelado a valores machistas, que se reproduziam em profissões associadas ao cuidado, como os cursos de magistério, corte e costura, e principalmente no trabalho doméstico. As profissões/ocupações das idosas atendidas refletem esse estereótipo, já que todas estão associadas ao cuidado, por exemplo o trabalho como monitora de orfanato, ou às tarefas domésticas, como cuidar da casa, trabalhar em lavanderia e trabalhar como faxineira.

No que tange à questão do lazer, um grande exemplo do que pautamos neste trabalho é o relato da residente Flor, (87 anos, institucionalizada há 15 anos), que quando perguntada sobre os seus gostos apontou que a única atividade que a agradava era a sua antiga profissão como faxineira. De maneira semelhante, Amanda (87 anos, institucionalizada há 15 anos), conta que, em seu cotidiano na ILPI, tinha o costume de ajudar em algumas tarefas como passar roupa e cozinhar. Contudo, após ter adoecido, os profissionais da instituição não a deixaram mais realizar essas atividades que tanto gostava. A única residente que mostrou ter um *hobbie* foi Raquel (67 anos, institucionalizada há 9 meses), ao comentar sobre o seu desejo de fazer crochê e bordado na ILPI para se distrair, caso tivesse oportunidade. Mesmo afirmando gostar de atividades de lazer, ela também comenta sobre a saudade que tem em realizar algumas tarefas domésticas: “Tenho muita vontade de voltar a andar e melhorar para conseguir fazer o que fazia antes, que é cuidar da casa, fazer comida, principalmente angu com verduras e frango com lasanha, que eu fazia aos finais de semana” (Raquel, 67 anos, institucionalizada há 9 meses).

As falas de Maria e Raquel, enquanto donas de casa, também apontam o que tantas outras mulheres vivem: a dificuldade em ter independência financeira e aposentadoria. A falta de renda e os salários baixos mencionados pelas idosas podem ser associados à desvalorização dos trabalhos que envolvem o cuidado, conforme mostrado anteriormente por Araújo, Monticelli e Acciari (2021). É notável que muitas mulheres têm pouca ou nenhuma renda devido aos anos de trabalho não remunerado, muitas vezes ligados ao trabalho doméstico, como por exemplo é o caso das mulheres que trabalhavam como donas de casa (Organização Mundial Da Saúde, 2005).

Ainda no caso de Raquel, seu relato chama a atenção para o trabalho doméstico com alguns agravantes: “Vivi como empregada doméstica a vida toda, tive um relacionamento conturbado com o meu marido e nunca tive a oportunidade de estudar” (*Raquel, 67 anos, institucionalizada há 9 meses*). A falta de outras oportunidades, junto com relacionamentos conturbados acabam tornando a vida ainda mais desafiadora para as mulheres. Nesse viés, a Organização Mundial da Saúde (2005, p. 39) ressalta que:

As mulheres têm a vantagem da longevidade, mas são vítimas mais frequentes da violência doméstica e de discriminação no acesso à educação, salário, alimentação, trabalho significativo, assistência à saúde, heranças, medidas de seguro social e poder político. Essas desvantagens cumulativas significam que as mulheres [...] tendem a ser mais pobres e apresentar mais deficiência em idades mais avançadas.

Todos esses relatos abordam mulheres que dedicaram as suas vidas ao cuidado com o outro, seja de sua família ou não. Esse cuidado integral muitas vezes não tem descanso, principalmente para aquelas que cumpriam a dupla jornada de trabalho ao trabalhar dentro e fora de casa. A reflexão decorrente dessas narrativas não é a problematização pelo gosto dessas mulheres por tarefas que envolvem o cuidado e/ou domésticas, mas sim a aparente falta de oportunidade para seguirem outro caminho, caso desejassem, e a falta de tempo e recursos para que pudessem ter se dedicado, também, a si mesmas.

Portanto, o trabalho doméstico pode ser percebido como função social feminina perpetuada pela sociedade. Atrelado a isso, as residentes mostraram como o trabalho não remunerado ou a falta de vínculo empregatício das ocupações citadas foram consequências negativas na aquisição do direito de seguros sociais e aposentadorias. É possível refletir também como o lazer e a ocupação são atravessados pois, quando as idosas param de exercer suas funções de trabalho, perdem as atividades que as constituíam como pessoas, representando um tipo de luto ocupacional. Assim, infere-se que a subjetividade das mulheres está atrelada ao que produzem, não havendo, muitas vezes, uma separação entre vida profissional e pessoal.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo trouxeram reflexões ampliadas sobre as vivências de idosas em ILPIs, revelando nuances que vão além das expectativas iniciais. Identificaram-se aspectos como a relevância do suporte institucional diante do luto e da solidão; as dificuldades de ressignificar perdas; e a relação entre a ocupação ao longo da vida e a vulnerabilidade socioeconômica na velhice. As vozes dessas mulheres trouxeram uma perspectiva mais aprofundada sobre o envelhecimento feminino, evidenciando como as construções culturais e de gênero impactam não apenas a percepção individual, mas também as respostas coletivas e institucionais a essas demandas.

Notou-se que, apesar das limitações estruturais das ILPIs, estas muitas vezes atuam como redes de apoio importantes, promovendo resiliência e convivência. Contudo, os estereótipos e tabus em torno de temas como sexualidade, cuidado e autonomia ainda representam barreiras significativas para que a velhice feminina seja compreendida em toda sua complexidade. Essas descobertas mostram que a velhice não é apenas um período de declínio, mas um espaço de possibilidades e significados que merecem ser valorizados.

No entanto, embora a pesquisa tenha fornecido insights importantes, limita-se a um recorte específico: a vivência de idosas em algumas ILPIs mineiras, o que não abrange a diversidade de experiências de mulheres idosas em outros contextos sociais, geográficos e culturais. Além disso, o enfoque qualitativo, embora enriquecedor, restringe a possibilidade de generalizações mais amplas. Como perspectivas para futuras pesquisas, sugere-se investigar o processo do envelhecimento feminino em diferentes arranjos sociais e culturais, considerando variáveis como raça, classe e localidade. Estudos comparativos que integrem abordagens qualitativas e quantitativas também podem oferecer um panorama mais abrangente, dialogando com questões relacionadas à interseccionalidade e à formulação de políticas públicas mais inclusivas.

Por fim, os achados reforçam a urgência de repensar a cultura e as políticas públicas voltadas ao envelhecimento, repensando estereótipos e desigualdades. Ressaltamos a importância de serem promovidas ações que valorizem o protagonismo das idosas e reconheçam a pluralidade de suas vivências, a fim de possibilitar caminhos efetivos para um envelhecimento mais digno.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Simone Da Cunha; FARIA, Paula Maria Ferreira de. Envelhecimento humano e subjetividade: um estudo de caso. *Revista Gestão & Saúde*, v. 25, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revista.herrero.com.br/index.php/gestaoesaude/article/view/139/45>. Acesso em: 25 jan. 2025.

ANVISA. Resolução da Diretoria Colegiada, 283, de 26 de setembro de 2005. Disponível em: [www.portalsaude.gov.br](http://www.portalsaude.gov.br). Acesso em: 28 out. 2022.

ARAÚJO, Anna Bárbara; MONTICELLI, Thays; ACCIARI, Louisa. Trabalho doméstico e de cuidado: Um campo de debate. *Tempo Social*. v. 33, n. 01. p. 145-167. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/TGKDBPYy6cM7XkjLcktwdjb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, seção 1. 3 out. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em: 23 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos. *Fatos e números: idosos e família no Brasil*. Brasília, DF: Observatório Nacional da Família, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/idosos-e-familia-no-brasil.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 502, de 27 de maio de 2021. Dispõe sobre o funcionamento de Instituição de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 101, 31 maio, 2021. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2020/rdc0502\\_27\\_05\\_2021.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2020/rdc0502_27_05_2021.pdf). Acesso em: 23 jan. 2025.

CAMARGO, Raquel Mori Pires de; et al. A percepção dos idosos sobre a institucionalização de longa permanência. *International Seven Journal of Multidisciplinary*, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 1051–1065, 2023. DOI: 10.56238/isevmjv2n5-018. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/ISJM/article/view/2848>. Acesso em: 24 jan. 2025.

CARNEIRO, Cíntia Maria Moraes et al. Trabalho doméstico não remunerado: persistência da divisão sexual e transtornos mentais. *Revista de Saúde Pública*, v. 57, p. 31, 2023. Disponível em: [https://rsp.fsp.usp.br/wp-content/uploads/articles\\_xml/1518-8787-rsp-57-31/1518-8787-rsp-57-31-pt.x63465.pdf](https://rsp.fsp.usp.br/wp-content/uploads/articles_xml/1518-8787-rsp-57-31/1518-8787-rsp-57-31-pt.x63465.pdf). Acesso em: 21 jan. 2025.

CLOS, M. B.; GROSSI, P. K. Desafios para o cuidado digno em instituições de longa permanência. *Revista Bioética*, v. 24, n. 2, p. 395–411, maio 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422016242140>. Acesso em: 17 jan. 2025.

CORREA, Mariele Rodrigues; BARBOSA, Lara Cruvinel; SILVA, Pedro Gonçalves. Processos de luto na velhice: uma revisão narrativa. In: Envelhecimento humano: Desafios contemporâneos - Volume 3. Editora Científica Digital, 2021. p. 229-244. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/processos-de-luto-na-velhice-uma-revisao-narrativa>. Acesso em: 21 jan. 2025.

COSTA, M.C.N.S. & Mercadante, E.F. O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. Revista Kairós Gerontologia, 16 (2), 2013, p. 209-222. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2013v16i1p209-222>. Acesso em: 03 nov. 2022.

CUNHA, Linda Cândida da; VERAS, Paulo Roberto Miranda; AMORIM, Marcelo Vinicius Costa. O sofrimento psíquico feminino no processo de trabalho e do envelhecimento. Lumen et virtus, v. 16, n. 44, p. 2-17, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/2678/3111>. Acesso em: 20 jan. 2025.

D'AVILA, J. A importância do governo em investir em ILPIs. Orientadora: Vânia de Fátima Barros Estivalet, 2016. Especialização (Pós-Graduação em Gestão Pública) - Universidade Federal de Santa Maria, Picada Café, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/12059>. Acesso em: 23 jan. 2025.

ELIAS, Adriele Camargo Abrahão; OLIVEIRA, Jessica Aparecida de. Envelhecimento e mercado de trabalho: a recolocação profissional após 40 anos de idade. 2023. Disponível em: [https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/14464/1/gestao\\_em\\_recursos\\_humanos\\_2023\\_1\\_adriele\\_camargo\\_abrahaao\\_elias\\_envelhecimento\\_e\\_mercado\\_de\\_trabalho\\_a\\_recolocacao\\_profissional\\_apos\\_40\\_anos\\_de\\_idade.pdf](https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/14464/1/gestao_em_recursos_humanos_2023_1_adriele_camargo_abrahaao_elias_envelhecimento_e_mercado_de_trabalho_a_recolocacao_profissional_apos_40_anos_de_idade.pdf). Acesso em: 25 jan. 2025.

FERREIRA, Camila Rafael; ISAAC, Letícia; Vanessa Santiago, XIMENES. Cuidar de idosos: Um assunto de mulher? Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 9, n. 1, p. 108-125, abr. 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/26832/23591>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FREITAS, Camila dos Santos; et al. Careful look at the elderly: self-perception about aging. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 13, p. e471111333017, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i13.33017. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33017>. Acesso em: 25 jan. 2025.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

IBGE. Agência IBGE notícias. Estatísticas Sociais. População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso em: 8 dez. 2022.

LIMA, Lara Carvalho Vilela de; BUENO, Cléria Maria Lobo Bittar. Envelhecimento e Gênero: A Vulnerabilidade de Idosas no Brasil. Saúde e Pesquisa, v. 2, n. 2, p. 273-280, 2009. Dis-

ponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/1173/792>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MALLMANN, Pâmela Braga; et al. Envelhe(ser): reflexões sobre o processo de envelhecimento feminino e suas implicações sobre o corpo. *Revista Foco*, [S. l.], v. 17, n. 11, p. e6906, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n11-143. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6906/4941>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MELO JÚNIOR, Arlindo Lins de; MORAIS, Rogério de. Estudo de caso como estratégia de investigação qualitativa em educação. *Ensaaios Pedagógicos*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 26–33, 2018. DOI: 10.14244/enp.v2i1.59. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/59>. Acesso em: 19 jan. 2025.

MOLINA, Fernanda Pereira. Em pauta as relações sociais que perpassam as questões de gênero no envelhecimento. Trabalho de conclusão de curso (Serviço Social) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Pampa. São Borja, 2021. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/6164/1/Fernanda%20Pereira%20Molina%202021.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MONTEIRO, Yohana Tôrres. Sexualidade das Mulheres em Envelhecimento: um tabu?. *Brazilian Journal Of Development*, v. 6, n. 3, p. 13129-13137, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/7762/6735>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. trad. Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf) Acesso em: 23 jan. 2025.

PERALTA, Francine Ribas et al. A compreensão do luto antecipatório em idosos residentes em instituições de longa permanência. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 24, n. 1, p. 691-713, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/49916>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SABBADINI, Aline et al. Morrer em vida: os lutos da velhice feminina. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, v. 26, n. 2, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/96301>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SAMPAIO, J. V.; MEDRADO, B.; MENEGON, V. M. Hormônios e Mulheres na Menopausa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, p. e229745, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/DTQVkJ7GJnFSRMKMN48zQFWb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2025.

SILVA, Camila Cuencas Funari Mendes; GEROLAMO, Joselene Cristina. CORREA, Mariele Rodrigues. Experiências em grupo no envelhecer feminino: construções de redes, laços e afetos. *SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. Revista da SPAGESP*, v. 22, n.2, p. 118-131, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8147589>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SILVA, Paulo José Carvalho da. Lembrar para esquecer: a memória da dor no luto e na consolação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 14, n. 4, p. 711–720, 2011. DOI: 10.1590/S1415-47142011000400010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142011000400010>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, e35412, 2019. DOI: 10.1590/0102.3772e35412. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SOUZA, Juliana Pereira de; et al. Women's perception about the climate period and menopause. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 17, p. e222111739225, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i17.39225. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/39225>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SOUZA, Jackeline da Silva; REIS, Thainá Dantas Garcia dos; RESENDE, Camila Miranda de Amorim. Envelhecimento feminino: a percepção da psiquê e corporeidade da mulher madura. *Episteme Transversalis*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 143-167, apr. 2024. ISSN 2236-2649. Disponível em: <https://revista.ugb.edu.br/index.php/episteme/article/view/3243>. Acesso em: 19 jan. 2025.